

1838
int. 1838 + 1838
Vouzel.

J. DA SILVA VIEIRA

MATERIAES
para
A HISTORIA DAS TRADIÇÕES
POPULARES
DO
CONCELHO D'ESPOZENDE

FOR

José da Silva Vieira

ESPOZENDE
1838



Recebem-se assignaturas para esta bibliotheca nas localidades seguintes:

Em Espozende

Na redacção da *Revista do Minho*.

Em Barcellos

Os snrs: Joaquim Lopes Brandão—João José Lopes da Silva—Fernando Marinho e Thereza de Jezus da Silva Vieira.

Na Povia de Varzim

Na redacção da *Independencia*.

Em Elvas

Em casa do Ex.^{mo} Snr. Antonio Thomaz Pires.

Em Lisboa

Na rua de S. Lazaro n.º 148 (1.º direito) em casa do Ex.^{mo} Snr. Armando Julio da Silva.

Aos snrs. assignantes

Os snrs. a quem for enviada esta obra e não desejem ser assignantes, pede-se a fineza de devolver os volumes ou fasciculos à redacção, exactamente como os receberam, pois que do contrario ficarão considerados assignantes para todos os effeitos.

A' imprensa periodica

A's redacções a quem enviamos esta obra, pedimos a fineza de a annunciar ou noticiar, pois que, ordinariamente, a imprensa portugueza, (parte d'ella), recebe as obras, mas noticiar ou annunciar é pato mudo, nem mesmo um **OBRIGADO**.

A empresa agradece penhoradissima aos seus collegas, *Folha d'Elvas* e *Brigantino* as noticias que, com referencia a esta bibliotheca, publicaram, e igualmente agradece ao *Jornal de Louzañ*, *União*, *Aurora do Cavado* e *Annunciador*, os annuncios que d'ella inseriram.

14 569

BIBLIOTHECA FOLK-LORICA PORTUGUEZA

—BIBLIOTHECA FOLK-LORICA PORTUGUEZA—



Materiaes

para a

Historia das tradições po-
pulares

do

CONCELHO D'ESPOZENDE


por

JOSÉ DA SILVA VIEIRA



ESPOZENDE

1888



A MEU QUERIDO
PAE
ANTONIO DA SILVA VIEIRA
E MINHA MÃE
ANNA D'OLIVEIRA

HOMENAGEM
de
respeito

Preambulo



s tradições populares abundam por todas as terras portuguezas.

Nós, insignificante colleccionador d'ellas, não podemos desistir do intento de apresentar ao leitor este pequeno tomo a que damos o titulo de **MATERIAES PARA A HIS-**

TORIA DAS TRADICÇÕES POPU-
LARES DO CONCELHO D'ESPO-
ZENDE.—

Há já em Portugal uma varia-
dissima collecção de tradições po-
pulares, publicadas em diversos jor-
naes, revistas e algumas em volu-
me.

Esta collecção que hoje ofere-
cemos aos leitores da provincia, po-
derá, parece-nos, habilital-os de fu-
turo a estudar e recolher as nossas
tradições, deixando assim de enca-
rar com certa indifferença e ser-lhes
estímulo para reagirem contra cer-
to indifferentismo que paira sobre
este ramo de litteratura, que em
outras nações tanta consideração
tem merecido.

E Portugal pode, n'este gene-
ro hombraear sem receio com as
lendarias de Hespanha, França e In-
glaterra.

Não fallecem os materiaes, res-
ta só exploral-os.

Ora sob este ponto de vista
são sem duvida os habitantes das
localidades que estão mais no caso
de recolher os dados referentes a

este assumpto; é, pois, para elles que appellamos, pedindo o seu auxilio, as suas valiosissimas informações.

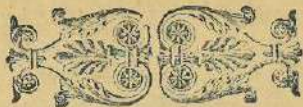
Convictos d'isto, eis porque nos abalançamos a vir a publico exhibir esta pequena collecção e prestar assim com ella um escasso peculio a quem com competencia, que não temos, intente organizar trabalho de maior folego.

Não nos domina a vaidade de ser um eloquente famoso como Demostenes e Tulio, nem um investigador insigne como J. Leite de Vasconcellos, A. Sequeira Ferraz, Adolpho Coelho, Antonio Thomaz Pires e tantos outros que o nosso paiz já conta na investigação de taes estudos; mas sim, por saber que Plinio Julio disse a Marco:—*não ha livro tão mau que não seja d'alguma parte proveitoso; nem tão bom que não seja dos malèvolos defeituoso.*—acalenta-nos a generosa aspiração de investigar a alma do povo n'estes ramos d'estudo, dominado sobretudo pelo amor a esta provincia e actualmente a esta pequena e en-

Cantadora villa, onde residio.

Demonstrarei, pois, n'este meu pequeno tomosinho, as tradições populares que pude colher no curto espaço de tempo que aqui tenho residido, e continuarei sempre n'esta minha investigação até vêr se posso desentranhar da alma do povo minhoto tudo que diga respeito á tradição popular portugueza.

Espozende.



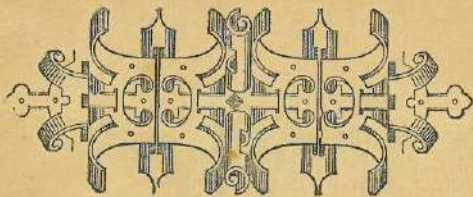


I

CANCIONEIRO



BIBLIOTHECA FOLK-LORICA PORTUGUEZA



I

1

Desafio—o desafio
Não é comer pão nem bôlo;
É puchar pelas cantigas
Lá de dentro do miôlo.

2

Se quizeres cantar commigo,
Só commigo o *leva-leva*,
Has-de primeiro *buber*
Quanta *auga* o rio leva.

3

Já não tenho coração,
Já m'ó tiraram do peito;
No logar ond'elle estava
Nasceu-m'um amôr *purfeito*.

4

Oh! meu amôr, meu amôr!
Oh! meu amôr, coitadinho!
Andas vestido de penas
E mais não és passarinho.

5

Antonio, meu lindo Antonio,
Que lindo foste em teu tempo!
Agora 'stás desmaiado
Como a freira no convento.

6

Desafio, desafio...
Eu não sei desafiar,
Minha mãe não me creou
Para panninho d'armar.

7

Cala-te ahí bocc'aberta,
Cara de gallinha choca,
Já te *botei* de comer
Pelo buraco da porta.

8

Meu amor, cantaro velho,
Coração, cesto sem fundo,
Inda que queira não posso
Tapar as boccas ao mundo.

9

Bou-me embora; *bou-me* embora
Segunda feira que vem,
Quem me não conhece chora;
Que fará quem me quer bem?

10

Atira mano, atira
Á pomba qu'anda na eira;
Ai! mano que a mataste,
Era a minha companheira!

11

Oh meu amor anda, vem
À igreja dar a mão,
Tapar as boccas ao mundo,
Consolar meu coração.

12

Coitado de quem é pobre
Que ninguém o pode vêr;
Quem quizer ser estimado
Faça muito pelo ter.

13

Quem me dera agora vêr
O qu'a minha alma deseja:
As portas do ceo abertas
Com'estão as da igreja.

14

Minha mãe accenda o lume,
Ponha lenha, qu'eu aliço,
Emquanto ferve não ferve
A panella do feitiço.

15

Minha mãe, já me deu saias,
Já me quer fazer mulher;
Agora, minha mãesinha,
Caze-me quando quizer.

16

Minha mãe mal me pariu,
Do tamanho d'um feijão,
Mandou-me logo p'ra fonte
De cantarinho na mão.

17

Ao passar o ribeirinho
Escacou-se-me a viola,
Mas dos cacos recolhidos
Mandei fazer uma nova.

18

A meu pae chamaste sogro,
A minha mana cunhada;
Olha bem o que disseste
Por mim fico apalavrada.

19

X
C'uma penna de pavão,
C'o sangue da cotovia,
Hei de escrever uma carta;
Que tú has-de lêr, Maria.

20

X
Vae carta feliz, voando,
Têr ás mãos do meu amor,
Meus olhos ficam chorando
Por não ser o portador.

21

X
Vae carta feliz, voando,
Bate á porta do jardim,
A quem te vier fallar
Da-lh'um abraço por mim.

22

Caçador que vae á caça
Não vae lá por ver a lebre,
Vae vêr a do vermilhinho,
A do vermilhinho alegre,

23

Constança, minha *Constança*,
Constança do Arvorêdo,
 Lula que teu pae não queira,
 Vem commigo p'r'o degredo.

24

X Deu um lenço á *Constança*
 Sem a minha mãe saber,
 Ó *Constança* da-me o lenço
 Que já lh'o foram dizer.

25

Um preto e uma preta
 Quizeram passar a vau;
 A preta cahiu de costas,
 O preto chuçeu c'o pau.

26

O preto e mais a preta
 Entraram n'um botequim,
 A preta dizia ao preto:
 O preto, paga por mim

27

Chamas-te-me preta, preta,
 Trigueira sou, bem o sei;
 Tambem a pimenta é preta
 Mas vae á meza do rei.

28

As raparigas do fado
 Vão formar dois batalhões
 P'ra dar cabo das revistas
 E mattar os *surgições*.

29

O cantar assim em publico
 Não é comer pão miolo,
 É puchar pelo sentido
 Cá de cima do miolo

30

Se quizeres que eu cante bem
 Da-me uma pinga de *binho*
 Qu'ó *binho* é cousa santa,
 Faz o cantar miudinho.

31

Alargae-vos, alargae-vos;
Alargae-vos p'ra parede,
Que o terreiro è muito largo
P'ra dançar a canna verde.

32

Pega nas tuas cantigas,
Bota-as detraz d'uma caixa,
Quando as minhas chegarem,
As tuas cheiram á graxa.

33

Deus vos salve povo junto
Qu'eu não sou o Salvador,
Qu'a salvação vem do ceu
Mandada pelo senhor.

34

O cantar e o querer bem
È da escriptura sagrada;
Quem ama a Deus como deve
Tem a salvação ganhada.

35

Já não ha papel em Braga,
Nem tinta no tintureiro,
P'ra escrever ao meu amor
Que está no Rio de Janeiro.

36

Foste te gabar ao Porto
Que me deras um anel;
Tambem t'eu dei um lençinho
Com teu nome=Manoel.

37

Portugal está perdido,
D. Luiz assim o quiz;
Se D. Pedro fosse vivo,
Portugal era feliz.

38

Oh Portugal quem te viu
No teu *brono* d'aliança!
Gritavas entre as nações
Com coragem e constança.

39

Sou um *home* muito pobre,
Não avezo um real;
Se tivesse um tostão,
Era rei de Portugal.

40

Tenho dentro em meu peito
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor
que anda de beija cahida.

41

Esta noite ha de chover
Uma chuva miudinha,
Eu hei-de-m'abrigar d'ella
Á tua porta Rosinha.

42

Esta noite choveu papas,
Trabalharam as colheres;
Quem quizer ouvir mentiras,
Abra as boccas das mulheres.

43

Eu bem sei qu'és costureira
 Da *cangosta* da labruje;
 Hei-de-te dar uma agulha
 Que nunca ganha *ferruje*.

44

Minha sogra morreu hontem,
 Deus a leve ao paraizo;
 Deixou-m'uma saia rôta,
 Nem posso chorar com riso.

45

Té á porta da Igreja
 Sempre t'eu fui a pedir
 Que me guardasses respeito
 Tè que eu tornasse a vir.

46

Adeus terra d'Espozende,
 As costas te vou virar;
Bou-m'amanhã p'r'ó Porto,
 Tú não fiques a chorar,

47

Se tu visses o qu'en vi
N'um buraco da parede ...
Uma cartinha d'*Antone*
C'um laço de fita verde.

48

Maria abre-me a porta
Que me quero ir deitar;
Já passa da meia noite,
São horas de descansar.

49

A alegria dos casados
São os trez dias primeiros;
Depois andam só chorando
Pela vida dos solteiros.

50

Os cegos que nascem cegos
Levam a vida cantando;
E eu, que nasci com vista,
Leyo a minha chorando.

51

Entendo que tú m'entendes,
Entendo que tú m'enganas,
Entendo que tú já tens
Outros amores a quem amas.

52

A'quid'el-rei—que eu grito
Sobre u.na rapariga,
Que me leva o brio todo
Dentro da sua barriga.

53

Se via que me não queria,
Para que m'acarinhou?
Para agora me deixar
No estado em que estou.

54

Não me bulla nã cintura,
Diga de longe o que quer;
Não perde vossé qu'ê homem,
Perco eu que sou mulher.

55

Mariquinhas não te cazes,
Logra-te da bôa vida;
Eu bem sei uma casada
Que chora d'arrependida.

56

Liberdade, liberdade!
Quem a tem chama-lhe sua;
Eu não tenho liberdade
De ir á porta da rua.

57

Ouvi cantar a sereia
No meio d'aquelle mar;
Muitos navios se perdem
Ao som d'aquelle cantar!

58

No meio d'aquelle mar
Está uma pomba branca;
Não é pomba, não é nada,
É o mar que se levanta.

59

Quando eu era rapaz
 Que jogava o meu pião,
 Pediam-m'as moças todas:
 Bota-m'o aqui na mão.

60

Manoel: tão lindas moças,
 Manoel: tão lindas são;
 Quero-te bem, Manoel,
 Da raiz do coração.

61

Maria, minha Maria
 O peccado t'atentou;
 Andas como o peixe n'agoa,
 O mimo te derrancou.

62

O fandango d'uma velha
 Fez-me dôer a barriga,
 Já não quero mais fandango
 Senão d'uma rapariga.

63

S'eu soubera que tũ vinhas,
Antoninho, ao serão,
Mandava *barrer* a ruas
C'um ganinho de serpão.

64

S'eu soubera que tú vinhas,
Josésinho, brasileiro,
Mandava *barrer* as ruas
C'um ganinho de loureiro.

65

Esta rua tem pedrinhas,
Hei-de-lh'as mandar tirar
Com biquinhos d'alfinetes,
P'ró meu amor passeiar.

66

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem,
Hei-de-lh'as mandar tirar
P'ra passeiar o meu bem.

67

X
 Não ha pão como o pão branco,
 Nem carne como o carneiro,
 Nem peixe como a pescada,
 Nem amor como o primeiro.

68

Tú não te esqueças menina,
 Das palavras que te dei;
Foste os primeiros olhos
 Que n'esta villa encontrei.

69

O meu amor pediu-me hontem
 Que por elle não chorasse,
 Que lhe estava dando pennas,
 Que o não mortificasse.

70

Aquella menina cuida
 Que não ha outra no mundo;
 Não é o poço tão alto
 Que se lhe não veja o fundo.

71

Adeus, cidade do Porto,
Lá me ficou o meu lenço
Atadinho pelas pontas,
Cheio de lagrimas dentro.

72

Adeus cidade do Porto,
Lá me ficou uma libra
Para comprar duas prendas
Para a minha rapariga.

73

Foste-te gabar ao Porto
Que me destes um anelzinho;
Tambem eu te dei um lenço
Com teu nome—Francisquinho.

74

Oh cidade de Vianna.
Oh Vianna do Bugio,
Cabiste da ponte abaixo,
Foste beber agua ao rio.

75

Fui á França pr'a ver dança,
 Á Inglaterra vapores,
 Ao Porto pr'a ver ourives,
 A Espozende os meus amôres:

76

Mochachitos da Galliza
 Fizer'uma procissão;
 Levar'um gato por santo,
 Uma velha por guião.

77

Adeus, Lisboa, cidade
 Manda-me de lá um mimo:
 Uma carta de meu mano,
 Qu'è coisa q'eu mais estimo.

78

Quando te disse adeus, Porto,
 Do alto do Carvalhido,
 Já tú podias saber
 Que me vinhas no sentido.

79

Ponte do Lima é lima,
 Vianna é um limão,
 O Porto é um ramalhete,
 Braga um manjaricão.

80

Caminha, a primeira terra
 Da costa de Portugal,
 A contar do norte a sul,
 Acaba em Villa Real.

81

X
 Eu queria ir ao Porto,
 Tenho medo ao calor;
 Empresta-me o teu chapéu,
 Antoninho meu amor.

82

Fui a Fão p'ra ver as moças,
 Não *topei* senão ortigas;
 Vim p'ra villa d'Espozende,
Topei bellas raparigas.

83

S. Bartholomeu do Mar
É padrinho de Maria;
Eu tambem sou afilhado
Da Senhora d'Abbadia.

84

Abaixa-te Fâro d'Anha
Q'eu quero vêr S. Lourenço;
Quero vêr o meu amor
Que me acena com um lenço;

85

A Senhora da Bonança
Tem uns sapatinhos brancos,
Para passeiar pela praia,
Domingos e dias santos.

86

Não sei que me quer o Porto,
Que tanto chama por mim?
Hei de ir morar para lá,
Para a rua do Bomfim.

87

A Senhora d'Agonia
É madrinha de João;
Eu tambem sou afillhado
Da Virgem da Conceição.

88

Valha-me Nossa Senhora,
A Virgem da Conceição;
Ella me queira valer
A mim e mais a João.

89

Inda hoje não comí
Senão lagrimas e pão;
Estes são os alimentos
Que meus parentes me dão.

90

Bou-me em bora, bou-me embora
Como já disse, não nego;
Eu por meu gosto não vou,
Contra a vontade me levo.

91

Amores . . . ao longe, ao longe,
Que ao perto quem quer os tem;
Quanto mais ao longe, ao longe,
Quanto mais me querem bem.

92

Andaes abaixo e a *riba*,
Não ataes nem desataes;
Outros pilham passarinhos
Nos laços que vós armaes.

93

Amanhã se Deus quizer
Miudinho há de chover,
Eu quero-m'abrigar della
Em casa, podendo ser.

94

Agora é qu'eu vou cantar,
Ha tempo que não cantei;
You-me ver s'ainda tenho
As vozes como as deixei.

95

Andaes de baixo a cima,
Como o figo na figueira;
Tú querias-te cazar,
Mas não *topas* quem te queira.

96

Por cauza da Luizinha
Já não trabalho com gosto;
Quando dá o meio dia,
Estou morto p'lo sol posto.

97

Bai-te somno, bai-te somno
P'ra fóra da minha criada,
Nem a vestes nem a calças
Nem tambem lhe pagas nada.

98

Pirolito que bate, bate,
Pirolito que já bateu
Pirolito que bate, bate,
N'um amor que já foi meu.

99

Apanhei o negro melro
Lá debaixo do salgueiro;
Antes que o apanhasse,
Andei quasi um mez inteiro.

100

Amores ao longe,
Não se podem têr;
Por que dão trabalho
A quem os vae ver.

101

Está a chover, o rio cresce,
O meu barquinho não anda;
Coitadinho de quem tem
Amores da outra banda.

102

Cantadeira canta alto
Qu'esta gente quer ouvir;
S'andas doente do peito,
Ninguem te mandou cá vir.

103

S'andas doente do peito,
Eu te dou um peitoral:
Salsa, pimenta e alhos,
Misturado com bem sal.

104

Não me atires com pedrinhas
Qu'estou a lavar a louça,
Atira-me com beijinhos,
Mas que minha mãe não ouça;

105

Quem tem amores em Fão,
Precisa o rio passar;
Eu tenho-os em Espozende,
Não tenho que receiar.

106

Muito se engana quem cuida
Que eu não tenho amores;
Eu ando tão cheio d'elles
Como o maio de flôres.

107

Fui esta noite ao pescado,
Pilhei um peixe do rio
Para dar ao meu amor
Qu'anda com muito fastio.

108

Coitadinho de quem tem
Dous amores na mesma rua;
Se passa por uma e falla,
A outra logo se amúa.

109

Pediste-me uma laranja,
Meu pae não tem laranjeira,
Se quizeres um limão doce,
mete-m'a mão na algebeira.

110

Não quero amar viuvo,
Nem homem que viuvasse;
Não quero tirar os pintos
Qu'outra gallinha chocasse.

111

Namorados: fallai baixo
Qu'as paredes tem ouvidos;
Os segredos encobertos,
São sempre os mais sabidos.

112

N'esta villa d'Espozende
S'isto assim continuar,
São tantas as namoradas
Que não sei qual hei-de amar.

113

Menina se quer saber
Como se ganha o dinheiro,
Deite vellas ao navio
Qu'eu serei seu marinheiro.

114

Menina se quer saber
Como é que se namora,
Metta n'algibeira um lenço,
C'uma pontinha de fóra.

115

Não te cazes, nossa Anna,
Deixa-te ficar solteira;
Os olhos da nossa Anna
São como o trigo na eira.

116

Casadinha d'oitto dias,
Eil'a ahivae a chorar,
Com o filhinho no collo
Sem ter comer para lhe dar.

117

Meu amor tũ não embarques,
Nem t'atires ao navio;
Olha que as ondas do mar
Não são as ondas do rio.

118

Oh meu primo, oh meu primo,
Nós havemos de cazar;
A despensa vae a Roma,
Deita-se uma rede ao mar.

119

Eu queria cantar alto,
Mas a voz já não m'ajuda;
Vou esfregar a garganta
Com um raminho d'arruda.

120

Minhas vozes já não prestam,
São cannas verdes rachadas;
Estas qu'eu agora tenho,
Fui pedil'as emprestadas.

121

Mandaste-me *preguntar*
Se maré baixa é marò;
Eu mandei-te responder:
É fundo não tomas pé.

122

Mandaste-me *preguntar*
S'inda tremia maleitas;
Inda me dão as sezões
Ao pé das moças bem feitas.

123

Fui ao jardim passeiar,
Espalhar a minha dôr;
Encontrei o teu retrato
Na mais mimosa flôr

124

Fui ao jardim passeiar,
Onde a primavera nasce;
Não encontrei flôr alguma
Que á tua se comparasse.

125

Minha mãe dê-me cá a chave
Que quero ir ao jardim;
Desejo colher um cravo
Para dar a Joaquim.

126

Quem morre de mal d'amores
Na campa deixa o letreiro;
A terra não o desgasta,
Sendo o amor verdadeiro.

127

O meu amor é rapaz,
Eu tambem sou rapariga,
Namoramos *des* pequenos,
Tem de me dar boa vida.

128

Agora é qu'eu vou entrar
Na rua da formosura;
Aqui não ha que escolher,
Cada qual pega na sua.

129

Por aqui não ha quem venda
Um limão por um vintem,
Parz tirar uma nodôa
Que o meu coração tem?

130

Quem quizer comprar, eu vendo
(Sempre tenho que vender)
Os cornos do meu amor,
Que sempre estão a crescer.

131

Adeus banco penhorista,
Ond'eu tenho o meu valor;
Onde tenho empenhado,
Os cornos do meu amor.

132

A's meninas d'Espozende
Chega-lhe a renda para tudo,
Para saias de fazenda
E casacos de velludo.

133

S. João casae-me cedo
Que vós se quizeres podeis;
Já tenho teias d'aranha
N'aquillo que vós sabeis

134

Sou 'studante de Coimbra
Estudo pr'a medecina;
Quizera tomaro pulso
Áquella linda menina.

135

Eu tenho quatro namoros;
Dois de manhã dois de tarde;
A todos elles eu minto
Só a ti fallo verdade.

136

Oh! José, Josésinho,
Oh! José enganador;
Enganaste uma menina
Com palavrinhas d'amor.

137

Oh! Snr. ladrão
Ande ligeirinho
Se não quer ficar
No meio sosinho.

138

No meio sosinho
Não heide ficar
Qu'a esta menina
Me vou agarrar.

CANTIGAS DO BRAZIL

(colhidas em Espozende)

139

A cantar ganhei dinheiro,
A cantar se m'acabou;
O dinheiro mal ganhado
Agua o deu, agua o levou.

140

Ninguem se julgue feliz
Inda estando em bom estado,
Que vindo a tyranna sorte
Faz d'um feliz desgraçado.

141

Todo o mundo s'admira
Do macaco fazer renda;
Eu já vi uma perúa
Ser caixeira d'uma venda.

142

Eu sou um cabra vadio,
Morro quando Deus quizer;

A pena que me acompanha
 Não ter burro nem mulher.

143

Manoel do Riachão,
 Que peccados são os teus?
 Um anno tão bom de vella,
 Que peccados são os meus?!

144

O tatú *me* foi na roça,
 Minha roça me comeu;
 Quando tornar a plantar-a,
 O tatú quero ser eu.

145

Quem tiver os seus segredos,
 Não conte a mulher casada,
 A mulher conta ao marido,
 O marido á cunhada.

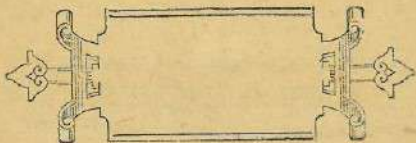
146

Eu tomara-m'incontrar
 C'o *Munel* dos passarinhos,

Para lhe quebrar os ovos,
E pegar-lhe fogo aos ninhos.

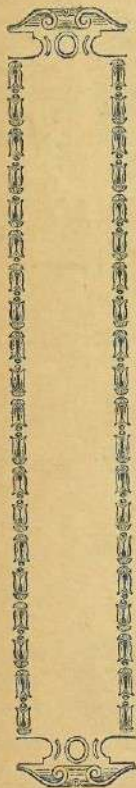
147

Esta vae por despedida
Ao Snr. *Manel* João,
É d'este bairro o primeiro,
Nosso illustre capitão.

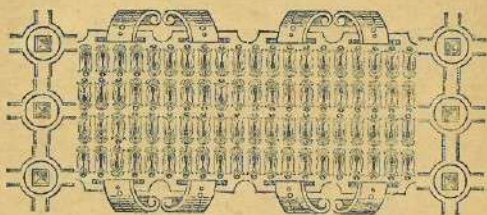




ORAÇÕES



||



II

Oração a Nossa Senhora

Puz-me a pé na madrugada
P'ra *barrer* a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
Com um raminho na mão;
Eu pedi-lhe uma folhinha
Ella disse-me que não,
Eu tornei-lh'a a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.
Fradinhos de S. Francisco
Acceitae-me esse cordão

Que me deu Nossa Senhora
Sexta-feira da Paixão,
Sabbado d'Alleluia,
Domingo da Ressurreição.

Oração a Nossa Senhora

2.^a versão

Pela rua d'amargura,
Pela rua da tristura,
Encontrei Nossa Senhora
Com um raminho na mão;
Eu pedi-lhe uma folhinha
Ella disse-me que não,
Eu tornei-lh'a a pedir,
Ella deu-me o seu cordão.
Fradinhos de S. Francisco
Acceitae-me este cordão
Que me deu Nossa Senhora
Sexta-feira da Paixão;
Tambem me deu um lencinho
Bordado por sua mão;
N'uma ponta tinha St.^a Anna,
N'outra tinha S. João,
No meio tinha'o retrato
Da virgem da Conceição.

Tem um gallo no seu sino.
Quando *bai* para tocar
Accorda o verbo divino.
Oh! verbo divino,
Cordeiro da cruz,
Lumiae a minh'alma
P'ra sempre, amen Jezus.

Oração por causa do medo

Eu F. vou e venho
C'uma mão de Deus por baixo
A outra por cima a tenho;
Com as armas de S. Jorge vou ar-
mado
P'ra não sêr preso nem agarrado,
Nem meu pescoço cortado,
Nem meu sangue derramado.
Permita Deus, Nosso Senhor,
Que eu seja tão guardado,
De noite e de dia,
Como foi o filho de Deus
No ventre da Virgem Maria.

Padre Nosso Pequenino

Padre nosso pequenino:
Sette anginhos vão commigo,
Sette candeias a lumiar,
Nossa Senhora é minha madrinha,
Nosso Senhor é meu padrinho,
Por que me fez a cruz na testa
Para que o demonio não me im-
peça

Nem de noite nem de dia
Nem ao pino do meio dia;
Já os gallos cantam, cantam,
Já os sinos tocam, tocam,
Já o Senhor vae subir á cruz
Para sempre, amen Jezus.

Salve Rainha Pequenina

Salve rainha,
Minha madrinha,
Cravo d'amor,
Mãe do Senhor;
Dae-me juizo,
Entendimente,

Para receber
O Santissimo Sacramento.

Salve Rainha Pequenina

2.^a variante

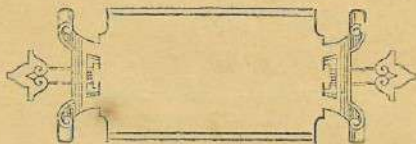
Salve Rainha,
Roza divina,
Cravo d'amor,
Mãe do Senhor.

No altar de S. João
Rezei uma noite, só;
Vi cantar o sol-e-dó
N'essa mesma accasião;
Foi quando eu disse então
Q'os meus dias que findam;
E os defuntos, sahindo
Das sepulturas celestes
E por entre os cyprestes,
Cada vez com mais *farotes*

Qu'a-qui ninguem nos derrota,
Só se fôr do ceu o Senhor.
O coveiro acordou
Ao som da musica bella,
Veio á sua janella
E mesmo d'alli ralhou;
Seus defuntos malcreados,
Esperem qu'eu já lá vou,
Que já ides ser fechados
Debaixo da terra fria;
Acreditem, meus senhores,
Quem tem porcos tem presun-
tos;
Que lhe importa ao coveiro
Com a dança dos defuntos?
Tomem nota, meus senhores,
Tomem, se querem tomar,
'Stava deitado na cama,
Subi n'um balão ao ar.

Maria Vieira
'Stá sentada n'uma cadeira;
'Stá fiando algodão
Para a camisa do capitão;
O capitão 'stá doente,
Está comendo frango quente

P'rá manhã que é domingo;
Cantará o pintasilgo,
Pintasilgo namorado,
Não tem burrinho nem cavallo;
Tem uma burrinha cega,
Chega d'aqui ó Castello,
Do castello a S. Simão;
Meu padrinho de-me pão
Qu'è p'ra dar áquelle cão
Que'sta debaixo do navio,
Da-lhe o vento, da-lhe o frio:
Chincharrabiu...
'Stou em casa do meu padrinho...
Zora, zora...acabou a historia.

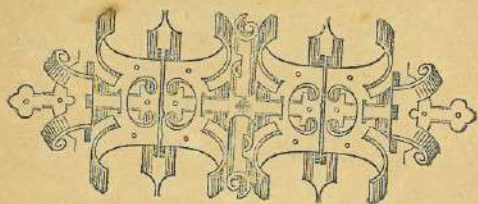




ADVINHAS



III



III

Que será?...que será...
Redondinho, redondão,
Qu'abree fecha sem cordão?

—O anus—

Que é...que é
Do tamanho d'um tostão,
Que abre e fecha sem cordão?

—O mesmo—

Caracol que se encaracolava
E *antr'as* pernas da moça anda-
va?...

A moça tão bem lhe queria
Qu'*antr'as* pernas o metia?

—Um crivo—

Aõ pé d'ella m'ajoelhei
Eu lhe metti, eu lhe tirei
Por onde ella mijava,
Era por onde eu mais gostava.

—A torneira de uma pipa, ao tirar o
vinho—

Sobre ti ando,
Sobre ti me tenho,
Mal de mim
Se te não metto o que tenho.

—Um tamanco—

A carne da mulher é dura
Mais dura é quem a fura;
O delgado vae para dentro,
O grosso á dependura.

—Um brinco—

Que é?...que é...
Cú para baixo,
Cú para cima,
E o gostinho está no meio?

—Dous pratos; um com comida e o
outro a cobrir—

Que é?...que é...
Branco por fora,
Preto por dentro,
E vermelho na ponta?

—Um cigarro—

Que è?...que é...
Redondinho, redondão
Qu'está debaixo do chão?

—Um pôço—

Que é?...que é...
Que, do tamanho d'uma casa,
Cabe debaixo d'uma raza?

—E' uma corda—

Fui a casa do meu visinho,
Que mettesse o d'elle no meu;
Elle queria-m'o tirar,
Eu lhe disse:—arrel!... alli,
Qu'inda 'stá a pingar.

—Era a *montoria*, da qual
o vendeiro queria tirar o
funil de cima e o dono
não quiz—

Que é?... que é...
Uma menina estendida,
Com dous palmos de carne met-
tida?

—Uma mulher quando está a amas-
sar a fornada—

Que é?... que é...
Uma caixa de bem querer,
Que nem todos sabem fazer?

—Uma nós—

Sou tratado com recato

E bastante melindroso;
Sou brilhante, sou vistoso,
Ando nú e mostro os factos;
Sou inimigo dos gattos,
Qu'è cousa que não consinto;
Tudo quanto vejo pinto,
E sou de tal qualidade
Que nunca fallo a verdade
Nem sei enganar nem minto?

—Um espelho—

Em cima de ti me ponho,
Em cima de ti me tenho,
Tú com os teus leites te ficas,
E eu com os meus gostos me venho.

— Quando alguém está
em cima de uma figueira
a tirar figos e depois
se retira —

Que é?... que é...
Qu'anda de buraco em buraco
Com as tripas arrasto?

—Uma agulha enfiada—

Que é?... que é?...
Em cima dos paus está a pipa,
Em cima da pipa está a bola,
Em cima da bola está a erva
Onde andam os bois a pastar?

—E' o corpo de uma pessoa e os
bois são os piólhos—

Um homem vae por um cami-
nho e leva 6 vavallos; morreram-
lhe 4. Quantos ficaram?

—Ficaram 4, que foram os que
ficaram mortos—

Fui a casa do meu visinho
Que me emprestasse o seu tira
e mette,
Que eu metto e tiro e logo lh'o
mandarei?

—E' o formento—

Que é?... que é...
Alto com'ó pinho,

Verde com'ó linho?...
Não advinhas
Nem advinharás,
Nem por este mez
Nem pelo que vier,
Só se eu t'ó disser.

—E' um limoeiro—

Que é?... que é...
Uma bocca que tem só um dente
E chama por toda a gente?

—Um sino—

Que é?... que é...
Que acompanha sempre a gente?

—A sombra—

Altas torres bem compostas,
Senhoras de formosura,
Andam de noite e de dia
E nunca andam bem seguras?

—Um na' o—

Que é?... que é...
Um nervo duro
Metido n'um poço escuro
Que vae enxuto e vem pingando?

—Uma penna metida n'um tinteiro—

Que antagonismo ha entre o relogio e namorado?

—E' que o relogio, dando-se-lhe corda, anda, e o namorado, dando-se-lhe corda, pára.

D'onde vindes? para onde vaes?
o *d'antras* pernas por quanto m'o daes?
o *d'antras* pernas? por trinta mil reis;
o tira e põe por dous pin-tos e o que atija por oito vintens.

—Era um homem que hia a cavallo e encontrou outro homem no caminho. Disse esse: d'onde vindes? para onde vaes? o *d'antras* pernas por quanto m'o

daes? (que era o cavallo.)
O outro respondeu-lhe: o
d'antras pernas por 30:000
reis; o tira e põe por dous
pintos—(que era o selin)
—e o que atixa por oito
vintens—(que eram as es-
poras).

Viva lá, seu verga teza!
—Viva lá sua dependureza!
Sente-se lá n'esse duro e molle
Emquanto o repum-pum coze.
Comerá manjar do cú,
Summo *d'antras* pernas
E coxa d'homem morto.

—*Verga teza*, foi como uma velha
que estava a fiar saudou
um soldado que ia a pas-
sar por um caminho com
o seu espadim á cinta.

—*Viva lá sua dependureza* foi o que
o soldado respondeu á
velha, que era o fuзо
com que ella fiava.

—*Sente-se lá n'esse duro e molle em-
quanto o repum-pum coze* era uma

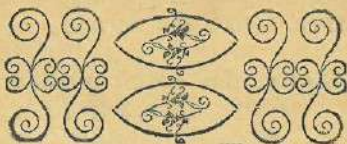
cadeira em que a velha
o mandava sentar, em
quanto cozia o jantar, por-
que elle esperava.

—*Comerã manjar do cú* (eram ovos.)

==*Summo d'antras pernas*==(era lei-
te),

==*Côxa d'homen morto* (era presun-
to).

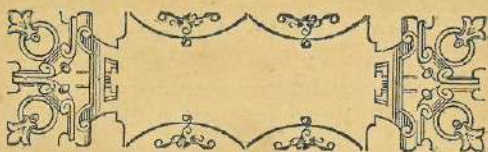
Foi d'isto tudo que constou o
jantar.





DICTADOS TOPICOS





IV

Depois da casa roibada
trancas de ferro á porta.

Que há de novo?
—Muita gallinha e pouco ovo.

O pae impertinente
faz o filho desobediente.

Que diz?...
—Quem tem cara tem nariz.

Quem tempo dá
e tempo espera...

vem o diabo e leva.

O trabalho do menino é pouco,
mas quem o perde é louco.

Homem triste,
vinho n'elle.

Quem bate a esta porta
nunca vae sem resposta. (1)

Quem sabe só um *lôto*
é logo môrto.

Pão é vinho p'ra
andar caminho.

Pelo S. João,
já a sardinha pinga no pão.

Os cucos de Fão
enganaram o Senhor com uma
codinha de pão.

Os de Fão—cabaça á prôa;
e os de Espozende—coisa bôa.

(1)—Bater á porta do cû.

Comidas finas em corpos grossos,
leva o diabo os ossos.

Prócuire outro modo de vida
qu'este não chega a netos
nem a filhos com barba.

Ora! . . . ôtr'òfficio.

Os de *Espozente*
enganaram o Senhor c'uma pin-
ga d'*augardente*.

Quem tem filhos
tem cadilhos.

Quem cabritos vende
e cabras não tem
d'algures lhe vem.

Burro velho
não toma andadura.

Quem nos salva é a fé
naujá pau da barca.

Fia-te na virgem e não corras . . .
verás o trambolhão qu'apanhas.

Excommunhão...
é um pandego meter a mão no
bolso e só encontrar cotão.

Quem espera desespera.

Vergonha...
e um homem não ter em quem
se ponha.

Arma de Santo Estevão (2) te va-
lha.

E' fugir ao dever
qu'o pagar é certo.

Quem paga o que deve
sabe o que lhe fica.

Quem não deve
não teme.

Importa-lhe?...

—Importa.

Pois pegue na *ginga* e *bà á bosta*.

(2)—Chama-se a uma pedra.

X Pelo S. Thiago,
cada pinga, vale um cruzado.

Quem tem medo compra um cão;

Quem tem cú tem medo.

O habito não faz o monge.

Bello e mais cabelo.

Outra venha
que rabo tenha.

Outra, que esta já não tem graça.

Quem quizer ver o homem rico
semeie linho mourisco.

Quem quizer ver o homem magro
semeie saramago.

Quem quizer ver o homem rico
semeie sevada e trigo.

Do militar e do pobre
até o diabo come.

Quem conta um conto

acrescenta um ponto.

Não tem leira nem beira nem ramo de figueira.

Era d'uma vez
um porco montez,
que deu um peido
para voz todos trez.

Era d'uma vez
um porco tó-tó,
que deu um peido
para ti só.

D'uma vez era um gato,
tinha as pernas de farrapos,
virava os olhos em revez...
—Queres que te diga outra vez?

Por aquella lage escorregadia
cordões de frade colhia, colhia...

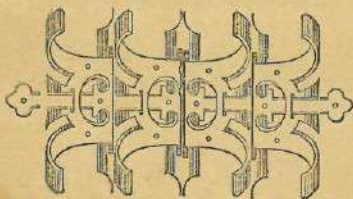
A' porta do forno se escama o
congro.

Desconversemos.

X Guerra, guèrrilha;

rei d'Hespanha
não pode reinar.
Ora viva a mocidade
pela cadeia da nobre cidade;
ora viva a mocidade.

Comidas finas em corpos grossos
fazem crear caroços.





GLOSSARIO